



MAUSOLEO EM MYLASSA.

A Asia Menor é uma península, que se dilata ao occidente da Asia entre a Europa e a Africa. Esta denominação não remonta além do tempo dos ultimos imperadores romanos, e deveu a sua origem á idéa, geralmente recebida n'essa epoca, de que o istmo que separa a península do resto da Asia, era muito mais contrahido do que na realidade é.

Muitos geographos designam esta região pelo nome de Anatolia, que n'um sentido mais restricto é sómente a parte septentrional do paiz, ficando ao sueste a Caramania, e ao nordeste o Livas. Os principaes caracteres geographicos da Asia Menor são as vastas cordas de montanhas que a atravessam. Duas ramificações que partem da grande planura da cordilheira da Armenia, o Anti-Tauro dos antigos; ao sul, e o Paryadres, conhecido agora pelo nome de Tsheldir ou Keldir, reúnem-se proximo de Cesarea ao monte Argeu, chamado hoje Argisdagh. O centro da Asia é uma chã ou planura immensa sobre as serras que deixamos mencionadas. Os seus rios tem mais celebridade do que importancia, os de maior curso desembocam no mar Negro, d'entre estes citaremos o Halys, que os turcos chamam Kizil-Ermak, rio vermelho, o Irisou Yeshil-Ermak, e o Sangario ou Sakaria,

Os rios que vem dar ao mar do archipelago grego, famosos todos na antiguidade, são o Caiuco, o Hermo, o Caystro, e o Meandro, e regam vales de belleza e fertilidade admiraveis; os que desaguam na costa meridional andam pouco caminho

até o mar, taes são o Eurymedon, o Calyasadmo, o Cydno, o Saro, e o Pigrama.

A historia politica da Asia Menor occupa largo campo na do mundo. Herodoto nos conta que no seu tempo esta península era habitada por trinta nações diferentes, cuja presença simultanea attestava ás numerosas revoluções porque havia passado. Comprehedia grande numero de districtos, que na maior parte formavam reinos separados. Ao norte era a Bithynia, a Paphlagonia e o Ponto, ao poente a Mysia e a Lydia, ao sul a Caria, a Lycia, a Pamphylia, a Cilicia, no centro, a Phrygia, a Eolida, a Ionia, a Pisidia, a Lycaonia, e a Galacia, a leste finalmente, a Capadocia e a Armenia menor.

«O destino d'esta terra foi sempre (diz Leon de Laborde) ser terra de invasão e de passagem, onde se encontravam interesses diversos para luctarem; grande ponte lançada da Asia á Europa para dar entrada ás regiões do Oriente, immensa estalagem por onde passaram tantos povos peregrinos, e onde nenhum fixou residencia. Associada aos primeiros impulsos da civilização grega, foi esta região theatre de um acontecimento fecundo em resultados poeticos e intellectuaes—a guerra de Troya. D'ahi a pouco vemol-a sempre mencionada na historia; depois de Cyro, que poz termo ao reinado de Cresso, veio Xerxes com o seu milhão de homens e sua vergonhosa derrota, Xenophonte com os seus dez mil e famosa retirada; ali apparece Alexandre, venerando o tumulo de Achilles, coroando Homero nas pla-

nicies de Troya, e indo em breve expirar no theatro da sua gloria; finalmente Mithridates, o derradeiro monarcha celebre da Asia.» Os seus variados acontecimentos estão, portanto, ligados com a historia da Grecia e de Roma.

A Asia Menor pertence actualmente á Turquia asiatica, divide-se em seis eyaletos ou pachalatos, a saber, o de Anatolia, que tem por capital Kutaieh, a Caramania com sua capital Konieh, a antiga Iconium, e Adame, Marach, Siva e Trebisonda, cujas capitaes tem a mesma denominação das provincias ou governos de pachás. As ilhas mais importantes, dependentes da Asia Menor são Chypre, Rhodes, Scio, e Lesbos.

Posto que este territorio fosse, quasi desde os tempos primitivos, sede de civilização já muito adiantada, e ainda apresente numerosos vestigios de sua antiga prosperidade, comtudo tinha sido pouco explorada e estudada, se exceptuarmos os trabalhos avulsos de alguns antiquarios; porém, ultimamente mr. Leon de Laborde e sobretudo mr. Charles Texier com seus preciosos escriptos o fizeram bem conhecido tanto pelo aspecto pittoresco, como pelo lado geographico e archeologico.

Facil é de comprehender que n'uma região, que tantos povos differentes successivamente pisaram, deviam existir vestigios de todas as artes; por isso, ali se encontram o hypogeu (especie de cemiterio) apar do templo, a escripta cuneiforme em frente da inscripção grega ou latina, a muralha cyclope junto da construcção romana, a igreja christã não distante da mesquita musulmana.

A nossa estampa só nos obriga a fallar dos monumentos funerarios. Posto que a palavra *tumulo*, de origem latina, se applique hoje indistinctamente, comtudo, na sua accepção propria significa as collinas ou oiteirinhos facticios que de terra ou pedras levantavam sobre as sepulturas de seus personagens os povos dos tempos heroicos e os que abandonaram o uso de queimar os cadaveres; aquelles acervos eram ordinariamente de forma conica. Acham-se muitos na Asia Menor; e os antiquarios ainda julgam descobrir os de Patroclo, Achilles, e Ajax, em Pongar-Bachi, aldéa que occupa o chão, onde se presume ser o assento da decantada, de que não se descortinam rastros.

Os mausoleos são construcções sumptuosas derivando o nome do que a rainha de Caria, Artimisia, erigiu a seu marido Mausolo: o mais elegante e o mais singular na Asia Menor ainda se vê, como mostra o desenho acima, obra de meia milha distante de Mylassa, que foi capital da Caria reinando Hecatomrio, irmão de Mausolo. Este monumento é dos que chamavam *distega*, isto é, de dois andares; tem um envasamento destinado a receber os corpos, para o qual se entrava por uma porta; não ha signal alguma de escada exterior para o segundo pavimento, onde seria mister subir por uma escada de mão, e é formado de oito columnas e quatro pilastras, da ordem corinthia, sustentando um tecto mui rico, sobre o qual se levanta uma pyramide composta de fiadas de enxilharia, reintrantes cada uma em relação á immediatamente inferior até á ultima do remate. As columnas são mui singulares, tendo menor altura do que exigia o seu diametro, começando as meias-canas acima da terça parte do fuste, e sendo este elliptico em vez de redondo. Mr. Chandler infere d'isto, e a sua opinião não é destituida de verosimilhança, que os intercolumnios eram outr'ora tapados com lages de marmore, que desapareceram, e que vi-

nham encostar-se á parte menos convexa das columnas; no centro d'este recinto ha uma pequena abertura que communica com a camara do primeiro pavimento, e pelo qual se creê que seriam feitas as libações em honra dos mortos. Nenhuma inscripção nos fixa a data d'este monumento, que não pode em razão do seu estylo attribuir-se a epoca muito remota.

M.

VIAGEM AO MINHO.

(Continuação.)

CAPITULO XV.

Pena-Fiel. — Aspecto do paiz. — A oliveira e o pinheiro. — O deserto sem caminho. — As margens do Tamega e o barqueiro Trovador. — Romance do seculo XIV, ou XV. — O dialogo no barco.

É meio dia; caminhamos por entre duas muralhas de arvoredo, que felizmente nos tem defendido do ardente sol de setembro. Aqui acabam os muros que servem de barreiras á estrada, e saímos n'um grande descampado. Á esquerda vêem-se as ricas paisagens do Minho sombreadas por grandes pinheirões; á direita começam a levantar-se ao longe as cadéas de pequenas montanhas do alto Douro; na frente apparece, como tendo surgido repentinamente do chão, a cidade de Pena-Fiel. O quadro é magnifico; mas o sol abrasador que agora nos apanha a descoberto não nos deixa muito tempo para darmos á admiração. A cidade vista de longe parece imponente; a illusão vae-se desfazendo á medida que nos aproximamos. Subimos por uma calçada de pedra quasi solta, e penetramos no coração da terra classica dos almocreves.

Parece que estamos no meio de uma povoação arabe; as ruas são estreitas pela maior parte, quasi todas immundas, algumas nunca foram calçadas. A melhor, a rua principal da cidade, é a que vae ter á hospedaria. As casas são aqui mais regulares e menos abafadas pelas enormes rotulas de madeira que desfiguram as outras. Parece que a cidade e a provincia se fizeram concessões mutuas, para viverem unidas n'esta rua principal, sevandijada todavia pelas inextinguiveis recuas de machos e outras cavalgadas que por ella transitam sem cessar, aturdindo-nos com o ruidoso tanger dos seus monstruosos chocalhos. A elegancia provinciana refugiou-se n'esta rua que une entre si as duas estradas, do Porto e de Amarante, para dar boa idéa da cidade aos viajantes que não levem mais longe as suas observações. Se a minha curiosidade me não fizesse percorrer a cidade, mesmo a cavallo, como tinha tenção de me demorar pouco, de certo faria de Pena-Fiel uma idéa falsa, julgando-a pela rua principal; mas as bellas physionomias que n'ella me appareceram não poderam desvanecer a desagradavel impressão que eu recebera nos immundos becos e travessas que, não esperando a honra da minha visita, se achavam em perfeito abandono municipal. Compreende-se que não possa chegar a esta distancia o braço das Obras Publicas; mas não haverá aqui municipio, ou coisa que o valha, para aformosear uma terra cujos arredores são lindissimos, ao menos pelos sitios por onde eu passei? Na citada rua principal acha-se a botica, estabelecimento consagrado em todas as terras de provincia para o cavaco dos sabios da respec-

tiva localidade. Proximo á botica, conseguira a civilização *metter um dente*, que lhe quebraram logo os desalmados inimigos do progresso. Era um café, um d'esses marcos milliarios da illustração dos povos, que gravam para sempre nos fastos da humanidade as pégadas do genero humano! Era um d'esses institutos onde se aprende a brilhante sciencia do *Folhetim*, e se fazem os grandes oradores que tiram a patria da *cepa torta!* onde, entre o taco do bilhar e o copo do *cognac*, a mocidade intelligente utiliza as suas ricas faculdades, desfazendo e fazendo reputações, com uma justiça e discernimento dignos de Salomom! Onde a litteratura, as bellas artes, a poesia, a philosophia, a religião, e a historia recebem o maior e o mais perfeito desinvolvimento, mostrando os professores todo o seu esclarecido engenho e fazendo-se gratuitamente censores de tudo quanto possa offender os costumes, e a moral!... Está provado ha muito que sem as lojas de café nunca sciencia nenhuma attingiria o seu maximo aperfeiçoamento, e que a terra que não possui taes estabelecimentos é um foco de ignorancia. Tem paciencia, cidade de Pena-Fiel; esta é o *verdictum* da mocidade intelligente, e eu não posso considerar-te senão como uma grande aldeia em quanto não lavares da tua frente a noção fatal de não possuíres um café! Se já tens hoje algum cuja existencia me é desconhecida, falla, que desejo ser eu o primeiro a saudar-te, cidade regenerada; mas no tempo em que te visitei li, nos vestigios apagados do primeiro monumento civilizador, que ahi tentou erguer-se, a tua reincidencia no erro, e julguei que oras predestinada a perecer como Sodoma....

Vamos para a hospedaria e deixemos passar o calor, para seguirmos depois a nossa jornada para as bandas do rio Tamega.

A hospedaria fica tambem na rua direita. Apeame-nos, e entramos, pedindo eu logo um quarto para descansar, porque me achava com uma violenta hemicrania.

Misericordia! quem poderá dormir n'esta casa? O quarto é immundo, nojento! O chão ignora a utilidade da vassoura; as paredes estão negras, e em alguns espaços mais claros acham-se pasquins traçados a lapis em estylo ignobil. Imprecações, satyras, obscenidades, tudo contra a hospedaria! Nenhum viajante entrou ainda n'este recinto sem sacrificar alguns momentos á musa satyrica. Tudo são avisos caritativos, que me aconselham a partir immediatamente, e o melhor que tenho a fazer é aproveitá-los. Depois de tomar á pressa uma decocção abominavel, baptisada com o nome de laranja, seguimos o caminho de leste, deixando Pena-Fiel sem saudades; e dispondo-nos para um martyrologio obscuro.

Pelas poucas linhas que deixo escriptas sobre esta cidade, que eu denominei classica dos almocreves, pelos muitos que n'ella encontrei, não se faça uma idéa pouco favoravel dos seus habitantes. Ha entre elles gente de bastante instrucção, e os dotes da intelligencia e do espirito não são raros aqui. Os filhos de Pena-Fiel, como os de qualquer outra cidade onde a civilização esteja mais desinvolvida, são tambem susceptiveis de estudo e de trabalho; e mais de uma vez nos cursos academicos se tem distinguido alguns por uma superioridade incontestavel. A universidade de Coimbra é uma testemunha que se honra de os haver conhecido.

Saindo da cidade, penetrámos n'um caminho estreito e mal calçado, porém que tinha a grande vantagem de ser coberto de arvores que nos abrigavam

do sol. Fomos caminhando coisa de tres quartos de legua, até que se acabaram os arvoredos, e achámo-nos quasi em pleno deserto. O aspecto do paiz mudou repentinamente. O terreno é desigual; encontram-se a cada passo grandes excavações produzidas pela queda das aguas no inverno; o solo meio carbonizado apresenta de quando em quando uma guela aberta, de que é preciso desviar cuidadosamente os cavallos. Vêem-se massas de calcarea e de argila espalhadas pela beira da pequena montanha que vamos costeando. Tudo parece indicar um paiz vulcanico, e todavia não ha nem consta que houve nunca vulcões por aqui. As raras arvores que se vêem a distancia umas das outras são algumas oliveiras, tristes e cobertas de ferrugem como affectadas tambem da carbonisação! A oliveira tem um verde triste, mais triste ainda do que o verde do pinheiro; este inspira não sei que *sympathia melancolica*, aquella causa tristeza, d'essa tristeza que faz apertar o coração e ter medo sem saber do que. A oliveira pode ser mais util, pode haver quem goste mais d'ella, contudo eu prefiro o pinheiro. A oliveira é um emblema de paz, mas a cruz onde foi crucificado Jesus Christo era de oliveira. É uma benção ou é uma maldição que se lhe deve pelo triste serviço a que se prestou? A paz que rodeia a oliveira é essa paz desolada dos desertos, essa tranquillidade do silencio n'uma natureza sem acção; uma paz que atemorisa porque ha n'ella o que quer que seja da immobilidade da morte....

O pinheiro não foi ferido pelo stygma de um grande crime, e a oliveira parece ter a consciencia de se haver prestado a servir de poste ao Redemptor. Embora santificada pelo sangue que regenerou a humanidade, a culpa que pesa sobre ella não a deixa crescer direita para os ceus como o pinheiro, cuja frente, subindo por entre as nuvens, envia a Deus como um incenso o seu agreste perfume. A oliveira estende timidamente para os lados os seus ramos tortuosos em que se nota uma continua incerteza de desinvolvimento, uma falta de acção, onde a vida como que se paralyza a cada momento; e o pinheiro eleva-se magestosamente, cresce e desinvolve-se cheio de vigor, sem hesitação, sem timidez, respirando a vida por todos os poros, subindo acima de todas as outras arvores como rei da vegetação, todos os terrenos o alimentam, com todo o ar se contenta, em toda a parte parece uma arvore altiva! Porque seria pois o pinheiro tão ferido de esterilidade, e a oliveira tão fecunda? D'essa esterilidade provém talvez a melancolia do pinheiro; e da fecundidade da oliveira a sua immensa tristeza. Esta chora arrependida, vendo que Deus não só lhe perdoou o ter-lhe servido de cruz, mas ainda a abençoou secundando-a, e ella cheia de recolhimento e humildade contrahe os membros na penitencia; castiga-se, estorcendo-se e arrastando-se quasi na terra, impedindo a acção da natureza sobre os seus musculos para não tomar as proporções de uma arvore orgulhosa... E o pinheiro, soberbo pela sua belleza, quem sabe se essa immensa chaga que lhe cobre o corpo, essa casca rachada e aspera não é um symptoma de grandes coleras interiores? Quem sabe se essa frente direita, e levantada insolentemente até ás nuvens não é uma ameaça ao ceo? Eu já passei uma noite em um dos maiores pinhaes que tem Portugal, uma noite horrorosa de vento e chuva, que nunca me hade esquecer. Os pinheiros açoitados pela tempestade soltavam gemidos terriveis; ora pareciam murmurar sentidos queixumes, ora rangiam pavorosamente. De vez em quan-

do como que uma voz humana se misturava á sua ; ouvia-se um grito agudo, secco e duro que eu tomava por uma imprecação. As pinhas arrancadas pelo vento caíam no chão como se fossem arremessadas pelos proprios pinheiros furiosos da aridez do seu fructo. Todo o pinhal parecia revoltado ; murmurava, rugia, gritava, rangia, assobiava ! era um concerto diabolico e temeroso : um brado de maldição arrancado por cem mil pinheiros que me pareceram cem mil satanazes !

E todavia eu gosto mais de ver um pinheiro do que uma oliveira. As sympathias ou antipathias tem causas occultas e mysteriosas que o espirito humano ainda não descobriu, e que naturalmente não hade descobrir nunca.

Ora se as oliveiras em geral me parecem tristes, as que vejo n'este momento são tristissimas ! Ainda quando se encontra um bom olival fechado e cheio de fructo, vá ; mas assim, tão isoladas umas das outras, todas d'um verde negro carregado, sem fructo, quasi sem folhas, infesadas e doentias, carcomidas algumas, enferrujadas todas, e vegetando a custo n'este arido terreno ! Pobres arvores ! Chegam a inspirar-me dó !

Eu tenho uma grande paixão pelos arvoredos ; uma terra sem arvores acho-a insupportavel. Custa a crer como ha em Lisboa e seus suburbios gente de tão mau coração que arranca ou corta os arbustos e arvores plantadas na beira das estradas, ou nas praças publicas ! Se eu fosse governo, a quem cortasse uma arvore mandava cortar-lhe a mão. Quem mata uma planta é capaz de matar um homem.

Dêem-me cincoenta braças de terra cobertas de arvoredo, um canteiro de flores, façam-me passar pelo meio da *minha propriedade* um ribeiro d'agua cristalina e guardem para si o resto do mundo. Em menos de oito dias farei eclogas como as de Virgilio e Francisco Rodrigues Lobo, e idyllios como os de Theocrito e Gessner.

Na proximidade das povoações a paisagem varia um pouco. Encontramos alguns campos de trigo e de centeio ainda não ceifados : algumas arvores mais alegres, alguma vida mais visivel do que até aqui. Atravessamos o logar chamado das *Duas Igrejas*, pobre, quasi miseravel aldeola, como a maior parte das que se acham por estes sitios. Largamos os cavallos a galope e não paramos senão proximo a Prozelto, outro logar insignificante á borda do nosso caminho. Aqui desaparecem quasi inteiramente todos os vestigios da estrada que temos seguido. Eu sou como Victor Hugo que não gosta de perguntar o seu caminho a ninguem, e que por isso andou em Colonia umas poucas de horas para chegar á cathedral. Diante de nós estendia-se uma vasta campina povoada apenas por alguns sobreiros, e limjtada por duas montanhas lá no fundo do horizonte. — Entre aquellas montanhas, disse eu aos meus companheiros, deve passar o rio Tamega. — Deve, repetiu o M. que julgava saber o caminho e tinha feito com que nos perdessemos. — Avante ! — Largamos redeas e partimos por uma especie de carreiro que havia no meio do campo. No fim de duas horas de marcha chegamos perto das montanhas. Era com effeito o Tamega que ahi passava, mas a descida não nos pareceu praticavel. Andavamos por um deserto sem caminho, e não sabiamos para que lado seria melhor seguir a fim de encontrar não só uma senda que nos conduzisse á borda do rio, mas também um barqueiro. O sol descia rapidamente : não havia tempo a perder ; seguimos o curso do rio, e no fim de meia hora avistamos umas azenhas do lado opposto. — Na-

da de hesitações ! vejo um barco, e hade haver alguém nas azenhas ; vamos ver se conseguimos descer. Os cavallos não podem firmar os pés na ladeira escarpada por onde os levamos. — A pé ! se não podemos chegar mais depressa do que desejamos. — Tomámos as redeas na mão e fomos descendo por um precipicio coberto de carqueja e tojo. Depois de muito trabalho e com bastante perigo chegámos á margem do Tamega. O rio é largo, mas como o criado tem excellentes pulmões mandei-o gritar, e appareceu um barqueiro da outra banda. Quando lhe acenamos que trouxesse o barco hesitou alguns segundos como quem se receava de nós, mas por fim aproximou-se lentamente. Chegado a doze ou quinze braças proximo de terra perguntou-nos o que pretendiamos. — Passar para a outra banda. — Aqui não é o logar da passagem... — Dizendo isto o Charonte do Tamega dispunha-se a voltar sem nos embarcar ; o meu amigo estendeu-lhe os braços com ar supplicante, porque via diante de si a perspectiva d'uma cama de carqueja, exposta aos lobos e aos saltadores ; eu estendi também os braços com a só differença de que em cada uma das minhas mãos havia uma pistola engatilhada. — Encosta o barco ou façote fogo ! disse eu resolutamente. O barqueiro não se intimidou ; olhou para as minhas armas como um homem que sabia para o que ellas serviam, e um sorriso quasi imperceptivel veio agitar os seus labios grossos e descorados. Provocação, ironia, ou despreso ? era difficil adivinhar o que significava esse riso (permittam-me a expressão) grave e austero, que me deixou corrido e envergonhado.

Olhei para os olhos do barqueiro e dos olhos passei a examinar minuciosamente o individuo, que se deixou ficar immovel como á espera de que eu concluísse a minha observação. Era um homem que teria cincoenta annos ; estatura alta ; o corpo um pouco curvado para diante, talvez pela idade talvez pelo habito de remar no barco ; o cabello grisalho e curto apparecia apenas debaixo das largas abas de um chapeo de Braga ; a barba toda crescida, mas cuidadosamente espontada e penteada, começava a branquecer ; o rosto crestado do sol deixava comtudo ver a finura da pelle ; os olhos azues e a serenidade do olhar denunciavam elevada intelligencia, e uma vida passada na contemplação e no isolamento. O seu traje simples, grosseiro, e ao mesmo tempo severo tinha o *que quer que fosse* que não desharmonisava com a figura ; havia uma certa elegancia rude n'essa jaqueta de briche, mais comprida que as ordinarias, n'esse colete de bombasina preta com bolões de vidro azul, e no calção, irmão do colete, cujas pernas saíam de dentro dos canos amarellos de umas botas á *Escudeyro*. A camisa de linho grosso, com bolões de linha, e uma silva bordada no collarinho direito, era alvissima. As mãos, poisadas nos punhos mal-talhados dos remos do saveiro, pequenas e bem contornadas, pareciam feitas para não sair nunca das luvas perfumadas d'um homem *comme il faut*.

À medida que eu examinava o barqueiro as minhas pistolas fugiam vexadissimas para o fundo das minhas algibeiras, e a cor subia-me ás faces. Quando acabei de o observar, os meus labios murmuraram : — perdão ! — O barco impellido por dois vigorosos golpes de remo aprofou em terra, e o barqueiro convidou-me a embarcar o meu cavallo. O seu gesto digno e grande humilhou-me ainda mais. Estive para lhe implorar de joelhos o perdão da minha fanfarronada. A sua physionomia era admiravel, su-

blime de tranquillidade: reflectia a paz da consciencia. Parecia-me um typo antigo; um discipulo de Platão, ou um homem de Plutarcho.

O barco não podia levar senão um cavallo de cada vez, por isso embarquei o meu primeiro, ancioso de me achar junto do barqueiro para conversar com elle. Porém, apenas largámos da margem começou elle a cantar. Conheci que não queria conversação, e cada vez mais admirado, puz-me a escutar-lhe o canto. Ao principio era um pouco monotono, com quanto a voz não fosse desagradavel; mas a pouco e pouco, como se o dirigisse uma grande força interior, a voz subiu gradualmente, e adquiriu uma vibração sonora e melancolica, uma harmonia por assim dizer agreste que me fazia volver para o trovador os meus olhos espantados. Estavamos no meio do Tamega; viam-se as duas margens cobertas de arvoredos e de plantas aromaticas; as aguas negras do rio, profundissimo n'este logar, corriam arrebatadas, precipitando-se com estrepito n'uma queda que ha defronte das azenhas; ferviam depois espumantes em baixo da cachoeira para logo adiante retomarem o seu curso tranquillo e quasi silencioso. As rodas das azenhas gyravam rapidamente d'um modo phantastico; era quasi sol posto: a um diade calor ardente succedia uma tarde amenissima, tornada ainda mais deleitosa pela situação do momento.

O meu barqueiro continua a cantar, e tem razão. Este sitio é digno de poetas e inspira ainda aos que o não são. O meu trovador está realmente inspirado; ouvindo-o não me lembro já de conversar, e desejo que elle se não aborreça de cantar. O seu canto derrama no ar um cheiro acre de rosmaninho e de murta, um perfume e um sabor de montanha que me deleita e alegra. Estou diante d'um poeta do xiv ou do xv seculo; d'um d'esses poetas cujas singelas e admiraveis canções a tradição oral do povo transmittiu até ao visconde de Almeida Garrett, que as colligi e publicou para gloria sua e da terra cujas são.... — Oh! descuidado que só agora me lembro de escrever a canção do meu poeta! Tiro á pressa o meu album e um lapis e apanho estas notas dispersas e perdidas talvez na intenção do poeta, atiradas com desgarrado abandono ás aguas, e ás arvores do Tamega, e recolhidas por mim com religiosa admiração. Que sublimes, que inimitaveis poemas se não terão perdido por estas veigas meio solitarias! Que maviosas e sentidas endéixas não terão acompanhado o ruidoso murmurar d'estas torrentes! Quanto ignorado Bernardim terá gemido e suspirado seus amores por estas margens deliciosas!

Eis a canção do barqueiro tal qual a pude copiar; não tenho a pretensão de saber a que seculo pertence, com quanto me pareça bastante antiga pelos estudos que tenho feito do *Romanceiro* de Garrett. Deixo a melhores entendedores o cuidado de lhe acharem a epoca em que foi feita, e á falta de outro titulo, dou-lhe o de:

MARIANNINHA.

Noite se fez no caminho
 Todo o souto escurecia;
 Se vae cheia na rigueira
 Quem por ella passaria?

Nanja a linda Marianninha
 Que volta da romaria...
 Bate o vento na ramada
 D'ali a neve caía.

— As rodas da minha azenha
 Quem d'aqui as ouviria;
 Que antes de ser o sol nado
 Abraçara a minha tia!
 Valei-me anjinhos do ceu,
 Valha-me Santa Maria;
 Andam lobos na devesa
 E eu por ella perdida!...

Calou-se a Marianninha
 Logo a ramada se abria:

— Queres ser mulher d'um conde?
 Terás muita pedraria;
 Comerás com a rainha
 E de seda irás vestida;
 Lençoes do teu leito de oiro
 Serão de cambrata fina. —

Responde a minha donzella,
 Que bem que lhe respondia!

— Oh! que lindo cavalleiro,
 Quem lhe dera a cortesia!
 Fallar assim á menina
 Que anda no matto perdida,
 Não é saber defendel-a
 Nem é mostrar bizzarria.
 Se me quer contar de amores
 Levara-me á minha tia;
 E de dia não de noite
 Na minha porta o ouvira. —

Ouvireis agora o conde,
 O que o mau conde dizia;

— Tu não vês o meu castello
 Por detraz d'aquella enzinha?
 A tua casa está longe,
 Vem na minha companhia;
 Amanhã dirás a todos
 Que voltas da romaria. —

— Vae-te com Deus, cavalleiro,
 Mais a tua galhardia;
 Que nunca da minha bocca
 Hade sair a mentira. —

— Ando a caçar no meu souto
 A caça que achei é minha;
 E voto á fé de quem sou
 Que a ninguem a cederia! —

— Cavalleiro que tal diz
 Por villão o tomaria...
 Se meu irmão aqui fosse
 A lingua te cortaria;
 Hade salvar-me de ti
 A Virgem Santa Maria;
 Ella é minha madrinha
 E eu venho da romaria. —

Na alma negra do conde
 O bruto desejo ardia.

— Nem teu pae, nem teu irmão,
Nem Deus te defenderia! —

Eis que soa na deveza
Uma grande tropelia;
E um lobo embravecido
O cavalleiro investia;
Por morto no chão o deixa
Mas comer não n'ó comia!
Sem fazer mal á donzella
Para a moita se volvia;
Ella vendo o conde morto
Já d'elle se condoia;
E a seus pés ajoelhada
Por aquella alma pedia.
Milagre! o conde chorando
Do chão a custo se erguia;
Ambas as mãos lhe beijava
Entoando—Aye Maria! —

— Pela minha alma pediste
Que a Deus e a ti offendia;
Dos infernos a livraste
Dou-t'a para toda a vida;
Não te contarei de amores
Senão amanhã de dia;
Que amanhã serás condessa
Dos paços de Santa Iria.
Cuidei que tudo era caça...
Mal haja a descortesia,
Com que tratei a romeira
Que vinha da romaria.
Vamos procurar teu pae,
Condessa Marianninha. —

De alegre salta a donzella,
Quem é que não saltaria!...
Tinha dado uma alma a Deus
E um sobrinho á sua tia.

— Bravo! — exclamei eu batendo palmas, depois de escrever a ultima linha, bravo, meu poeta! — O barqueiro olhou para mim admirado! — É sua esta cantiga?

— Sim senhor.

— Digo-lhe que é excellente, que me encanta, sobre tudo pela simplicidade e graça com que acaba de cantal-a.

O barqueiro não respondeu uma palavra e o barco chegou á praia de areia onde eu devia desembarcar.

— Não lhe agradou o meu voto? — Pois saiba que gosto de versos e que tambem... — Calei-me de repente: Deus me perdoe! mas tinha tido a ridicula idéa de dizer ao barqueiro que tambem eu fazia versos; suspendeu-me o receio de que elle me pedisse para lhe recitar, ou cantar alguns, o que de qualquer dos modos lhe teria deixado uma triste opinião dos meus talentos. Além de serem as suas trovas incontestavelmente superiores ás minhas, havia ainda uma razão mais forte para me obrigar a calar, e vinha a ser que eu entendia-o a elle, e quem sabe se lhe succederia o mesmo a meu respeito?..

O saveiro estava enalhado, eu fazia as reflexões que acabo de escrever, e o trovador esperava que eu desembarcasse para elle ir buscar os meus dois companheiros. Depois de alguns momentos tornei a dirigir-lhe a palavra:

— Sois d'aqui, disse eu usando d'este tratamento

por não saber se o devia tratar por tu, por você, v. m. v. s.^a, ou v. ex.^a.

— De S. João d'Alpendurada.

— Viveis ha muito tempo n'aquella azenha.

— Nunca lá vivi.

— Como assim? pois não é vossa?

— Não, senhor; mas vêde se desembarcaes o vosso cavallo, senão elle o fará sem o vosso auxilio, e voltará o barco, precipitando-se no rio.

Effectivamente *Covadonga* (era o nome de guerra do meu cavallo) estava impaciente e fazia diligencia por saltar; encurtei-lhe mais a redea e continuei o dialogo, admirado de ver o barqueiro retribuir-me igual tratamento ao que eu lhe dava.

— Não vos impacientes; deixae-me gosar mais um instante d'este ar delicioso e perfumado, que a sombra das arvores me vae roubar. Então não sois o dono das azenhas?

— Disse-vos que não.

— Mas este barco em que andaes é d'ellas?

— É meu.

— Vosso! porém... perdoae a minha curiosidade....

— Que quereis saber? — A esta interrogação o poeta cravou em mim os seus olhos limpídos como um ceo sem nuvens, e leu no fundo do meu pensamento. Eu abaixei os meus envergonhado.

— Admiraes-vos, continuou elle com a mesma placidez, de que eu tenha um barco e não queira passar os viajantes?

— É verdade, confesso que me admiro; e para completar a minha idéa direi que não comprehendo para que elle vos serve. Não tendes azenhas, não me pareceis lavrador, não sois barqueiro, e a menos que não sejaes...

— Salteador?

— Ou maniaco; não vos crejo todavia tão abastado que vos seja permittido ter um barco de recreio no meio do Tamega.

— Sou pobrissimo.

— Então para que diabo conservaes este saveiro?

— É a minha casa, e a minha fortuna.

— Como assim? Viveis aqui dentro?

— Ha vinte annos.

Olhei para o meu interlocutor persuadido que elle zombava de mim. O seu rosto estava sereno e impassivel. Eu ia responder quando o meu cavallo se lançou d'um pulo sobre a areia, deslocando-me quasi a mão onde eu tinha a redea.

Covadonga! exclamei correndo atraz do fugitivo. *Covadonga!* O cavallo parou immediatamente e deixou-me aproximar. Depois de o prender voltei-me, esperando que o barqueiro se teria aproveitado do incidente para ir buscar os meus companheiros, e vi-o gravemente assentado na areia com a espia do barco na mão.

F. G. D'AMORIM.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

II

Nenhuma religião nos offerece a historia monastica do paiz, que se illustrasse mais do que esta, pela sua distincção nas letras, serviços ao estado, e zelo pela fé.

A Companhia de Jesus, penetrando nas ignotas regiões das Indias, assignalou sua passagem por essas afastadas regiões, desbastando as selvas da barbaria idolatra, arroteando e cultivando aquelles selvaticos espiritos, e vencendo com a cruz na mão as famosas batalhas que ali se pelejaram pelo Christo e pela civilização.

Milicia de uma nova especie, seguia a sua marcha de milhares de leguas, levando por estandarte a cruz do Redemptor, e por unicas armas o breviario e a palavra christã — armas de tempera tão fina e tão rija, que nunca se lhe encontraram falso. Chegado á tribu onde tinha de combater, cravava bem alto e erguido aquelle estandarte, santificado no Golpho pelo mais maravilhoso de todos os sacrificios, e postando-se junto a elle, protegido pela sua benefica influencia, o missionario principiava essa batalha da verdade contra o erro, expondo em singellas, porém energicas phrases a sublimidade da doutrina que resgatara a humanidade, elevando o homem á dignidade para que fôra creado.

As palavras succediam-se tão persuasivas de fé e unção, que a duvida sobre a excellencia da idolatria logo se suscitava no espirito do ouvinte. Apoz a duvida vinha o convencimento. E então os barbaros que até ali tomavam o sol, a lua, e os astros pelas causas efficientes da propria existencia, sentiam penetrar-lhes no espirito a luminosa idéa de que superior aos mesmos astros, a que rendiam cultos, estava o Artifice eterno e immutavel de todas essas maravilhas; que era elle esse Deus ignoto, que regulava todos os seus movimentos, o curso periodico das estações, o florir dos campos e das arvores, o vôo dos passaros, a agua das fontes, a onda encapellada dos mares, todas essas maravilhas, emfim, que até ali contemplavam, e que os arrebatava, sem saberem explicar-se a origem d'ellas.

Principiava então a cathechesis e a instrucção d'esses divinos preceitos que constituem o codigo mais perfeito da humanidade. Milhões de homens, convencidos e doutrinados, caíam emfim aos pés d'aquella imponente cruz, que tinham visto erguer sem lhe comprehender o myticismo, e, pedindo o baptismo, recebiam com a agua lustral uma nova vida de graça no gremio da associação universal!

Um pobre e tosco madeiro, afeiçoado como aquelle patibulo de infamia empregado no tempo dos Cesares, uma pouca de agua, recolhida da fonte ou regato que ali proximo corria, e algumas mysteriosas palavras que o missionario soltava, eram as unicas operadoras d'este grande milagre!

Ganhava a religião, porque d'aquellas almas convertidas saíam outras tantas vozes a louvar o verdadeiro Senhor da natureza, e eram outros tantos canticos que se soltavam em gloria de Deus, reunindo-se em mysticas harmonias com a linguagem das flores, das aves, dos mares, da natureza, emfim, que incessante ahí está perennemente louvando o seu-Creador, e attestando suas maravilhas: ganhava o estado, por que os novos convertidos eram novos subditos que em vassallagem e menagem vinham reconhecer a excellencia da corôa portugueza, que assentada n'uma região tão remota, alcançava com a sua influencia e poder aquelles tão arredados hemispherios.

Esta nobre, humanitaria e brilhante conquista era levada a effeito só pelo impulso da palavra e do exemplo. Não deixava apoz si esses destroços que o flagello da guerra semeia por toda a parte. Por isso mesmo que se effectuava pela persuasão, e não pela força; que se insinuava no coração e não se impu-

nha á consciencia; por que não algemava os pulsos e ao contrario lhes despedaçava as cadeas que os manietavam ao barbarismo e ao estado selvatico, esta conquista se tornava firme e segura.

Aqui estão as artes e os meios porque a Companhia de Jesus assentou seu imperio nos dois seculos de existencia que teve em Portugal, e como ella n'esse tempo estendeu por toda a parte o seu dominio e a sua influencia.

Acarinhando e attrahindo os homens barbaros e incultos, que, esperando achar um inimigo no homem da outra raça, ao contrario encontravam n'elle um amigo e um protector; aprendendo nos exemplos d'este as normas de uma sã doutrina; tendo sempre um asylo aberto nas casas da missão, e no missionario um desvelado pae, e um conselheiro desinteressado, que muito era aquellas candidas almas, enthusiasmas pelo fervor de uma nova fé religiosa, amassem com os elluvios de um coração sincero aquelles que lhes descerravam os olhos á evidencia, e lhes promettiam, em compensação das dores d'este mundo, uma immensidade de gozos ineffaveis n'uma vida perenne e eterna!

A sua gratidão significava-se tambem em pequenos e insignificantes obulos, que as mais das vezes só tinham valor pelo cunho do reconhecimento impresso n'elles; porém uma sabia e economica administração triplicava-lhes a estima, e os dons espontaneos, accumulados necessariamente pela continuidade do tempo, se transformavam em verdadeiras riquezas. E nem a fé, nem o fervor dos cathecumenos, olhando á pobreza dos santos missionarios, lhes soffria ver em privações aquelles que se arrojavam a perigos tão certos e ingentes sómente para os salvar.

Sim; havia perigo, e não pequeno n'estas missões. O martyrologio christão abunda em milhares de martyres d'esta religião, e as suas palmas e corôas foram galhardamente ceifadas e entrecidas nas praias da India, e nos sertões da America.

Era imponente, e magestoso o espectáculo do missionario que por entre as selvas virgens do novo mundo, se emaranhava ao acaso em demanda de novas gentes a quem prégasse a palavra de Deus. Imaginae-o, se puderdes, tendo por docel os braços da cruz á qual se encosta, e a seus pés, no plano inferior a esse comoro a que se subiu, uma turba de homens estranhos. Vêde-o, fallando-lhes de um Ente ignoto, e apontando-lhes para o ceo como para o symbolo da eternidade. Olhae depois para todos aquelles homens, d'entre os quaes ainda ha pouco se soltavam palavras de furor e de morte, e vêde-os cairem ajoelhados a seus pés confessando o mesmo Deus que o missionario invocava!

Não era tambem menos imponente ver o apostolo da paz e da verdade cair asseado junto áquella mesma cruz, pela setta envenenada que se arremessara d'entre a turba fanatica. Á primeira flexa despedida seguiam-se milhares a cravarem-se no corpo do valente soldado de Christo, que desarmado e sem resistencia, abraçado ao symbolo da nossa fé, e com os olhos fitos no ceo, despedia a alma com o sangue que a borbotões lhe saía pelas feridas, a tingir o campo como a forrar-lh'o de purpura para sobre elle cair o santo cadaver!.. Nem uma contorsão se lhe nota no sereno rosto, nem uma palavra de imprecação se lhe solta dos labios moribundos, nem o fulgor de um pensamento de odio lhe relampeja nos olhos que prestes se vão cerrar para sempre; e se a palavra lhe esvaece sobre os labios com os alentos

vitas, essa palavra só tem um som para exprimir, uma grande idéa para significar — Deus!

A victoria do valente soldado do Christo era sempre incruenta; mas se o Eterno destinara que elle ficasse vencido na peleja, resgatava com o proprio sangue que lhe derramavam do corpo o rubor de não ter sido julgado digno de ganhar aquella batalha. O missionario nunca foi visto recuar do pé do estandarte a cuja sombra combatia; porém morrer junto d'elle, sim, muitas vezes.

Vencida a batalha os grandes despojos do inimigo não eram seus — eram thesouros que offertava á religião e ao estado: perdida ella, pequeno era o espolio que deixava entre mãos do inimigo — as paginas impressas de um pobre breviario, uns poucos covados do negro e arremendado habito, e a insignificante corréa com que o cingia ao corpo!

Quereis um grande exemplo da Companhia de Jesus?

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.



O VELHO HARRY.

Este velho, homem original, que hoje chamariam um ratão, tinha achado um meio industrioso de ganhar a vida sem vexame ou prejuizo de ninguem. Ignora-se o que havia sido na sua mocidade; mas o que elle dizia era exacto e instructivo; era uma pessoa dotada de claro entendimento. Com tres ou quatro animalejos, que compunham a sua collecção portatil, tomava assumpto para discursar agradavelmente e com engenho sobre os habitos dos animaes, os descobrimentos dos viajantes, as preocupações, a medicina, e tambem sobre a experiencia do mundo e a moral.

Era bem conhecido em Londres desde Moorfields até Temple-Bar. Do producto quotidiano das suas modestas lições, dadas ás vezes no meio da rua, e que valiam tanto ou mais que as de certos doutores,

tirava com que subsistir commodamente; não trocava a sua bolsa e as suas economias pelas de muitos dos seus ouvintes, ao menos não trocava o seu genio original e a sua tenue bagagem scientifica pelo talento ou saber de muitos d'elles. Longamente se lembrou d'elle o povo; gravaram-lhe o retrato e narraram-lhe a vida em verso, como se vê na obra de Pierce Tempest com estampas, *Os pregões de Londres*.

Harry era jovial, satisfeito de si e da demais gente; a sua maior magua na velhice foi a morte de um ouriço que tinha domesticado e a que chamava Nipotato; na caixa com tampa de vidro, em que mostrava os seus animaes, esculpiu algumas palavras á memoria d'aquelle exiguo companheiro das suas peregrinações nas ruas de Londres.

M.

APHORISMOS.

A civilidade desculpa as mentiras, que só tendem a justificar algumas omissões de polidas formalidades.

O dinheiro dá vida á fidalguia; a fidalguia dá morte ao dinheiro.

Quando o capricho é teimoso não cede á razão.

Ha homens, cujo caracter consiste em não ter caracter.

O despotismo de todos é o cahos da sociedade.

A critica justa alenta o merito, e assusta a impostura.

Todo o homem tem mais, ou menos propensão para ser despota; porém ninguem quer soffrer o despotismo.

Se é mau excitar a compaixão, é peor merecer o desprezo.

A educação é tão poderosa, que chega a domesticar as feras.

A ebriedade habitual é o maior defeito do homem social.

M. CARVALHO.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.